

CAPARAÓ

1. Apreciação inicial

Durante um período de quinze dias, compreendidos entre o fim de março e começo de abril últimos, a nossa imprensa falada e escrita divulgou amplo noticiário sobre a descoberta de um grupo de guerrilheiros na Serra de Caparaó, na região limítrofe entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

Já agora, passados mais de quatro meses do acontecimento e terminadas as investigações realizadas através do Inquérito Policial Militar, mandado instaurar pelo Comandante da 4ª RM, pode o Exército divulgar os fatos apurados e a verdadeira extensão da trama subversiva montada no exterior, com dinheiro estrangeiro, contra as nossas instituições e o nosso povo.

Na realidade, o episódio de Caparaó não passou de uma segunda tentativa de guerrilha que se frustrou na sua própria incapacidade de concretizar-se. O grupo armado de 14 homens reunido na serrania, em região próxima ao Pico da Bandeira, subordinado política e militarmente, a um comando sediado na Guanabara, não logrou, durante os quatro meses em que perambulou pelas vertentes da serra, de um acampamento para outro, encontrar a melhor receptividade, a

mínima simpatia da parte dos moradores locais. Teve que viver escondido e acuado, e feneceu por não conseguir realizar fator fundamental para o êxito de uma guerrilha — conquistar o apoio ou pelo menos a simpatia da população civil da área.

A ineficácia desse pequeno grupo armado, entretanto, não correspondeu às dimensões do esquema internacional montado para o seu apoio, nem à extensão dos atos de traição nacional praticados por políticos e ex-militares brasileiros, exilados no estrangeiro e hoje integrados na estrutura de subversão financiada pelo comunismo forâneo.

Causa-nos admiração e justificado orgulho comprovar que intenso e contínuo esforço internacional, alimentado por abundante dinheiro estrangeiro, não tivesse alcançado, no período de três anos, gerar mais do que essas duas tentativas raquíticas de guerrilha — a do ex-Coronel Jefferson Cardim e esta de Caparaó —, abortadas no nascedouro, menos pela ação repressiva das autoridades do que pela repulsa de nosso povo às aventuras de tão desprezível inspiração.

Passamos, a seguir, a fazer um relato resumido dos fatos apurados.

2. Os fatos passados no Brasil

A região escolhida pelos mentores do grupo armado, para vir a ser o palco dessa "guerra de guerrilheiros", que não se concretizou, foi a da Serra de Caparaó, cuja linha de crista, pontilhada de picos, bordeja a fronteira entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

A vantagem dessa área, conforme a opinião dos "táticos" da frustrada aventura, era a de ser "uma extensão acidentada, de difícil acesso e fácil defesa, de 100 km de serra com uns 50 km de largura".

A Serra de Caparaó é mais povoada e acessível na vertente oeste, do lado mineiro, onde a Estrada de Ferro Leopoldina e uma rodovia ligam as localidades próximas de Carangola, Caparaó, Presidente Soares, Manhumirim e Manhauçu.

Desde fins de novembro de 1966, vinham os órgãos de informações do I Exército acionando sigilosamente um plano de busca, visando a confirmar certos indícios de presença de grupos suspeitos nessa região, particularmente nas imediações das terras do Parque Nacional de Caparaó. A coordenação do plano de busca estava a cargo do Comando da 4ª RM, sediada em Juiz de Fora, e a execução do mesmo atribuída ao 10º BI da Polícia do Estado de Minas Gerais, com sede em Manhauçu, e a destacamentos fronteiriços da Polícia do Estado do Espírito Santo. A busca de informes constituiu uma atividade permanente das autoridades militares, para o que, inclusive, organizaram cui-

dadoso reconhecimento da região através de "um grupo de excursionistas", montado em coordenação pela 4ª RM e 3º BC (Vitória, ES).

A avaliação dos informes já colhidos permitiu, no começo de março, delinear o quadro de atividades de, pelo menos, um grupo armado clandestino de 40 homens no máximo, infiltrado na região da Serra de Caparaó. Em face disso, o Comandante da 4ª RM, discretamente, montou um plano de operações visando a isolar e vasculhar a área, a fim de aprisionar esse grupo. Entretanto, um acontecimento inesperado, ao qual foi dada ampla publicidade, quebrou o sigilo das medidas que vinham sendo tomadas e atraiu a atenção de toda a imprensa para o tema que se tornou manchete — Guerrilhas em Caparaó. Esse acontecimento foi a prisão, a 24 de março, no interior de uma barbearia na localidade de Espera Feliz, por elementos da Força Policial mineira já empenhados na missão de isolamento da região, de dois conhecidos agitadores comunistas — o ex-Subtenente do Exército Jelcy Rodrigues Correa e o ex-Sgt da Aeronáutica Josué Cerejo Gonçalves, expulsos das Forças Armadas por subversão; ambos se achavam armados e em seu poder foi encontrada farta e comprometedora correspondência.

A curiosidade geral que passou a acompanhar o assunto de Caparaó e os propósitos sensacionalistas de certos setores da imprensa vieram causar certa perturbação no desdobramento da



Integrantes do grupo armado, detidos na Serra de Caparaó, e parte do material apreendido em seu poder; da esquerda para a direita: Amadeu Felipe da Luz Ferreira (Cmt), Edival Augusto de Melo, Jorge José da Silva, João Jerônimo da Silva, Amaranto Jorge Rodrigues Moreira, Araken Vaz Galvão (Subchefe), Avelino Bioen Capitani e Milton Soares de Castro (civil)



Da esquerda para a direita: Amadeu Felipe da Luz Ferreira (ex-sgt/Ex), Araken Vaz Galvão (ex-sgt/EX), Edival Augusto de Melo (ex-sgt/Mar) e Milton Soares de Castro (civil), integrantes do grupo armado capturado na Serra de Caparaó

operação de isolamento e vasculhamento da área, que vinha sendo levada a efeito com a máxima discrição.

A 1º de abril, uma patrulha da Polícia Militar de Minas Gerais, seguindo a pista fornecida por um agricultor da região, surpreendeu um grupo de oito homens, todos armados e municados, dispondo de material de acampamento, comunicações, saúde e arquivo de documentos. Integravam esse grupo sete ex-militares do Exército e da Marinha de Guerra e um civil, a saber:

- ex-Sgt (Exército) Amadeu Felipe da Luz Ferreira;
- ex-Sgt (Exército) Araken Vaz Galvão;
- ex-marinheiro Amaranto Jorge Rodrigues Moreira;
- ex-Sgt (Marinha) Edval Augusto Mello;
- ex-Cabo (Marinha) Jorge José da Silva;
- ex-marinheiro Avelino Capitani;
- ex-marinheiro João Jerônimo da Silva;
- civil Milton Soares de Castro.

Os ex-militares acima haviam sido, todos, banidos das Forças Armadas por subversão e o civil era membro do Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul.

A operação de isolamento e vasculhamento da região foi executada sob a estreita coordenação do Comando da 4ª RM que, para isto, contou com a plena cooperação da FAB (Comando Aeronáutico Terrestre — CATTER), que empregou

na mesma aviões de observação e helicópteros. Pequenos destacamentos das Polícias Militares de Minas Gerais e do Espírito Santo foram postados em várias localidades na periferia da área. Patrulhas motorizadas da Polícia Militar de Minas Gerais mantiveram sob ativo reconhecimento as estradas e caminhos de acesso à Serra de Caparaó. Tropa do Exército foi preparada para reforçar as ações de vasculhamento geral, caso se tornasse necessário.

Graças a esse dispositivo, os últimos elementos comprometidos com o grupo armado, e que se encontravam na região foram, sucessivamente, caindo na fechada malha de cerco e vasculhamento estabelecida pelas forças de segurança. Assim, a 4 de abril, uma patrulha da Polícia Militar de Minas Gerais aprisionou, nas cercanias da Vila de Vista Bela, o ex-Capitão (Exército) pára-quedista Juarez Alberto de Souza Moreira e o civil Gregório Mendonça, este último militante do Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul. A 8 de abril, os quatro remanescentes do grupo foram cercados e detidos numa rápida ação da Polícia Militar mineira, entre Vista Bela e São João de Manhuaçu. Eram eles:

- o advogado Amadeu de Almeida Rocha, professor na Guanabara e membro do Partido Socialista Brasileiro;
- o civil Hermes Machado Neto, comunista militante no Rio Grande do Sul;
- o ex-Subten (Exército) Itamar Maximiniano Gomes, ex-



Homens capturados e material apreendido na região de Caparaó



Material bélico e de campanha, livros, documentos e rádios, que eram utilizados pelo grupo armado de Caparaó

pulso das Forças Armadas por subversão;

— o 3º Sgt do Exército Deodato Baptista Fabrício, adido ao DGP e respondendo a processo por subversão.

Com essas quatro últimas prisões, e com os resultados das investigações já realizadas, pôde ser considerada praticamente terminada a operação e desnecessária uma ação de vasculhamento em força em tôda a área, para a qual estava previsto o emprêgo de unidades do Exército.

O encarregado do IPM mandado instaurar pelo Cmt da 4ª RM, logo ao início dos acontecimentos, apurou a suspeição de outras pessoas, algumas residentes na região dos acontecimentos e outras na Guanabara, em São Paulo, ou exiladas no estrangeiro. Em face disso, foram detidas mais 27 pessoas, sendo 22 liberadas após os interrogatórios e 5 indiciadas como incursas na Lei de Segurança. Esses cinco indiciados são:

— Professor Bayard Demaria Boiteux, residente na Guanabara, com seus direitos po-

líticos suspensos, ex-Presidente do Partido Socialista Brasileiro e caracterizado como Chefe Político da "Frente de Caparaó";

— Engenheiro Moysés Kupperman, asilado no Uruguai e que se encontrava clandestinamente no Brasil, respondendo a processo de subversão;

— ex-Sgt (Exército) Anivanir de Souza Leite, respondendo a processo por subversão, foi quem arrendou um sítio, na localidade de Príncipe, região da Serra de Caparaó, para servir de ponto de contato e de abastecimento do grupo armado;

— civil Tito Guimarães Filho, asilado no Uruguai, encontrava-se clandestinamente no Brasil e estava implicado com os fatos ocorridos em Caparaó;

— 3º Sgt (Exército) Alcileo Baptista Nogueira da Gama, da ativa, respondendo a processo por subversão, que havia se comprometido a juntar-se ao grupo de Caparaó.

3. Comando e Organização da "Frente de Caparaó" no Brasil

As investigações procedidas pelas autoridades militares proporcionaram um completo levantamento da estrutura de comando e organização, no Brasil, dos elementos subversivos que tentaram criar a frustrada "Frente de Caparaó".

Comando:

Uma "troika" instalada no Rio de Janeiro, com responsabilidade

para efeitos subversivos sobre uma ampla área, compreendendo desde a Serra de Caparaó até o litoral da Guanabara e Estado do Rio de Janeiro:

Chefe — Professor Bayard Demaria Boiteux (ex-Professor do Colégio Pedro II, com seus direitos políticos suspensos, mas ainda no exercício da cátedra na Faculdade de Filosofia da Guanabara). Era quem mantinha ligações com



Material bélico e munição dos "guerrilheiros" vendo-se ainda um binóculo



O material bélico, encontrado em poder dos "guerrilheiros", incluía até a metralhadora INA

o Chefe no exterior, o ex-Deputado cassado, Leonel de Moura Brizola, de quem recebeu ordens e recursos pecuniários, através de várias viagens feitas a Montevideu e por meio de mensageiros que iam e vinham (pombos-correio). O professor Boiteux foi Presidente do Partido Socialista Brasileiro e era Presidente da Comissão de Ajuda às Famílias atingidas pelos Atos Institucionais (CAFAAI).

Assessor Político — Advogado Amadeu Almeida Rocha, professor em vários colégios particulares; fez várias viagens a Montevideu, a mando de Boiteux, a fim de levar informações e receber instruções e dinheiro de Brizola. Estêve várias vezes em Caparaó, ministrando orientação política e transmitindo as ordens de Boiteux.

Assessor Militar — Ex-Capitão (Exército) pára-quedaista Juarez Alberto de Souza Moreira, reformado por subversão. Foi quem escolheu a região de Caparaó para a instalação da "Frente". Antes da instalação do grupo, fez várias viagens de reconhecimento ao local. Foi encarregado, com outros, de transportar para a região o armamento e petrechos para o grupo, material êste, na sua maioria vindo do Rio Grande do Sul, oriundo dos excedentes acumulados para o movimento irrompido em 1965 (ex-Cel Jefferson Cardin) e que não chegaram a ser utilizados em face da rapidez com que foi reprimido aquêlo surto.

Após a instalação do grupo armado, estêve várias vezes na região de Caparaó, a fim de ministrar orientação e instrução militar.

Frentes:

Só uma "frente" foi instalada, a de Caparaó. A idéia de criação de outra "frente", na Serra dos Órgãos, não chegou a se concretizar.

A "Frente de Caparaó" foi considerada instalada em fins de novembro de 1966.

Sua constituição era:

- 1 Comandante;
- 1 Subcomandante; e
- 3 Grupos de 4 homens. Total: 14 homens.

O Comandante da "Frente" era o ex-3º Sgt Amadeu Felipe da Luz Ferreira, expulso das fileiras do Exército por subversão. Estêve no Uruguai em contato direto com Leonel Brizola e seus auxiliares. O ex-Sgt Amadeu Felipe foi "eleito" chefe do grupo armado de Caparaó na primeira reunião do mesmo, realizada a 26 Nov 66 (consta do Diário da Guerrilha, redigido pelo mesmo).

Por ocasião da reunião de 26 Nov 66, o ex-Sgt Amadeu Felipe declarou-se marxista-leninista convicto. Consta dêsse "Diário" o seguinte:

"Objetivando iniciar de imediato o processo armado da Revolução Brasileira, um grupo armado de 14 homens (seguem-se os codinomes) reuniu-se nesta noite de 26 de novembro de 1966, para a escolha daquele que doravante os dirigirá como guerrilheiros. Esta reunião, cujos componentes são ex-militares, na sua maioria, e civis, todos revolucionários e marxistas-leninistas, foi iniciada e dirigida pelo companheiro Alexandre (codinome do ex-3º Sgt Amadeu Felipe) que já de algum tempo vinha liderando a maioria dêstes homens em sua



Outro aspecto do material apreendido, vendo-se particularmente rádios, lanternas elétricas e cobertores



Entre os livros apreendidos, destaca-se: "Guerrilheiros e Revoluções", de Gabriel Bonnet, "Guerra Revolucionária", de Hermes de Araujo Oliveira, "Vietcong", de Madeleine Rifau, e o Manual C31-20 (reservado), "Operações contra Guerrilheiros"

luta antiditatorial e conseqüente preparo dêsse núcleo guerrilheiro Definiu-se como marxista-leninista, convicto de que somente através da guerra poderá nosso povo libertar-se da opressão e da miséria a que está subjugado e alcançar a paz e o progresso que busca; que a guerra de guerrilhas é o caminho mais curto para a ascensão do povo ao lugar que lhe é devido.....
Condições: Sob as condições por êle mesmo sugeridas (pelo ex-3º Sgt Amadeu Felipe) e aceitas por todos de que, sôbre êle recairiam as responsabilidades concernentes

com a segurança do grupo.....
Findou (a reunião) com todos os companheiros de pé cantando "A Internacional".

A organização do grupo armado, com as funções de cada um, quer como combatente, quer na vida administrativa, assim como a distribuição do armamento ao Comando e aos grupos, consta do croqui anexo, encontrado no arquivo apreendido pelas autoridades. Os nomes constantes do mesmo são codinomes, cuja correspondência acrescentamos no próprio documento.

(Transcrito do Boletim de Relações Públicas do Exército, CDRPE, Agosto 1967).

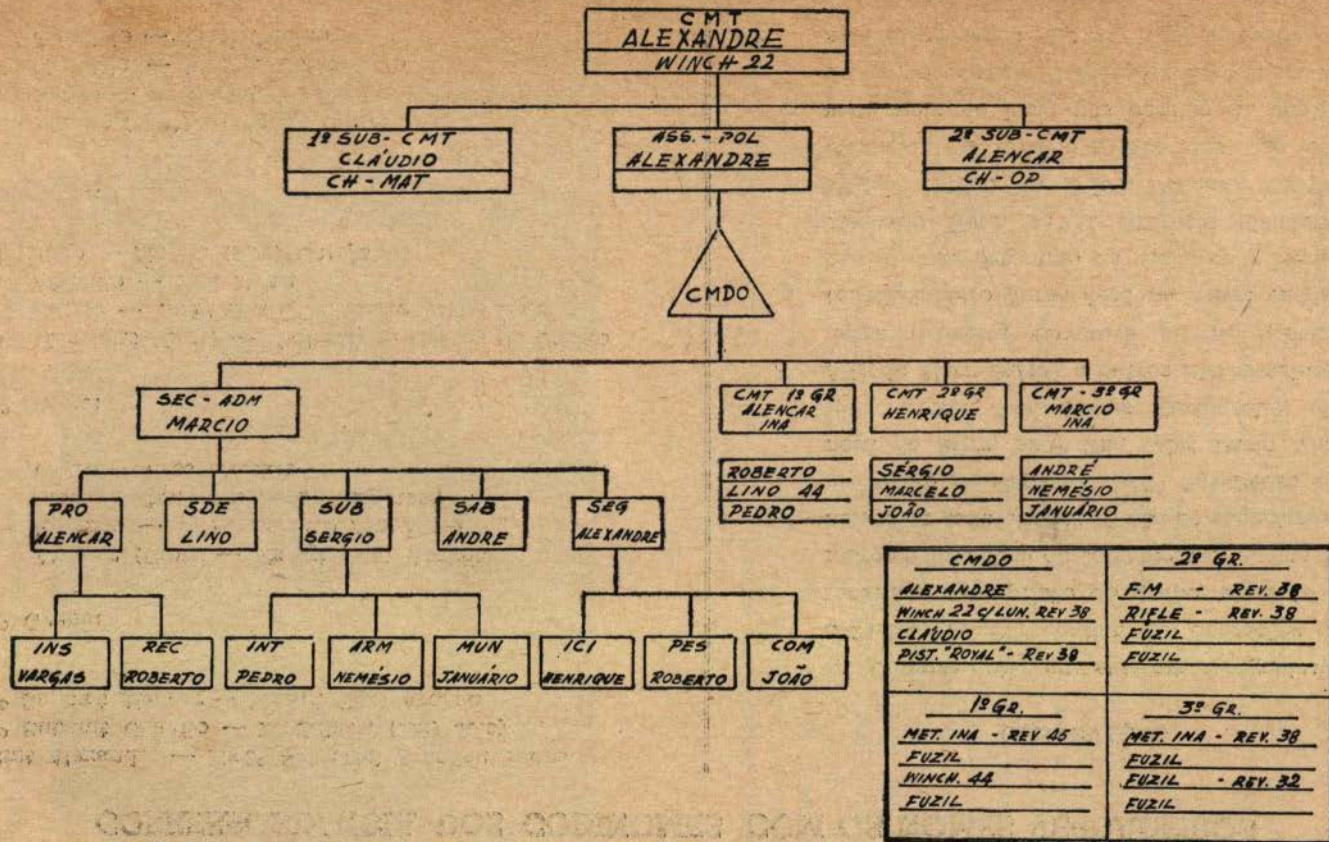


Diagrama de Organização da "Frente de Caparaó", destacando-se a distribuição do armamento.

CORRESPONDÊNCIA DOS CODINOMES COM OS NOMES VERDADEIROS

Cmt Alexandre — Ex-3º Sgt (Ex) Amadeu Felipe
1º Subcmt Cláudio — Ex-Subten (Ex) Jelcy
2º Subcmt Alencar — Ex-Sgt (Ex) Araken

1º Grupo:

Alencar (Cmt) — Ex-Sgt (Ex) Araken
Roberto — Ex-Marinheiro Amaranto
Lino — Ex-2º Sgt Pedro Espinosa
Pedro — desconhecido

2º Grupo:

Henrique (Cmt) — civil Milton Soares de Castro
Sergio — Ex-1º Ten QOE Dario Viana Reis
Marcelo — civil Paiva
João — Ex-Sgt (Aer) Cerejo

3º Grupo:

Marcio (Cmt) — Ex-Sgt (Mar) Edval
André — Ex-Marinheiro Capitani
Nemésio — Ex-Sgt Bertoucello
Januário — desconhecido

OBSERVAÇÃO

Cumpra-se notar que essa era a organização a 26 Nov 66. Por ocasião das operações que resultaram na prisão do grupo, entre 24 de março e 8 de abril do corrente ano, alguns dos nomes ao lado citados já não se encontravam na região de Caparaó (ex-2º Sgt Pedro Espinosa da Silva, ex-1º Ten QOE Dario Viana Reis, ex-Sgt José Carlos Bertoucello, civil Alfredo Nery Paiva) e outros não constantes dessa primeira estrutura ali se achavam (ex-Marinheiro Jorge José da Silva, ex-Marinheiro João Jerônimo da Silva, civil Hermes Machado Neto, civil Gregório Mendonça, 3º Sgt (adido ao DGP) Deodato Baptista Fabricio. Os dois desconhecidos não estavam mais no local por ocasião da captura do grupo, havendo indicações de que haviam sido dispensados por motivos de saúde.

4. Comando e atividades subversivas no estrangeiro, relacionadas com o grupo armado de Caparaó

O centro dirigente da Frente de Caparaó e de outras Frentes que era intenção instalar, encontra-se sediada na República do Uruguai e o seu dirigente é o ex-Deputado Leonel Brizola.

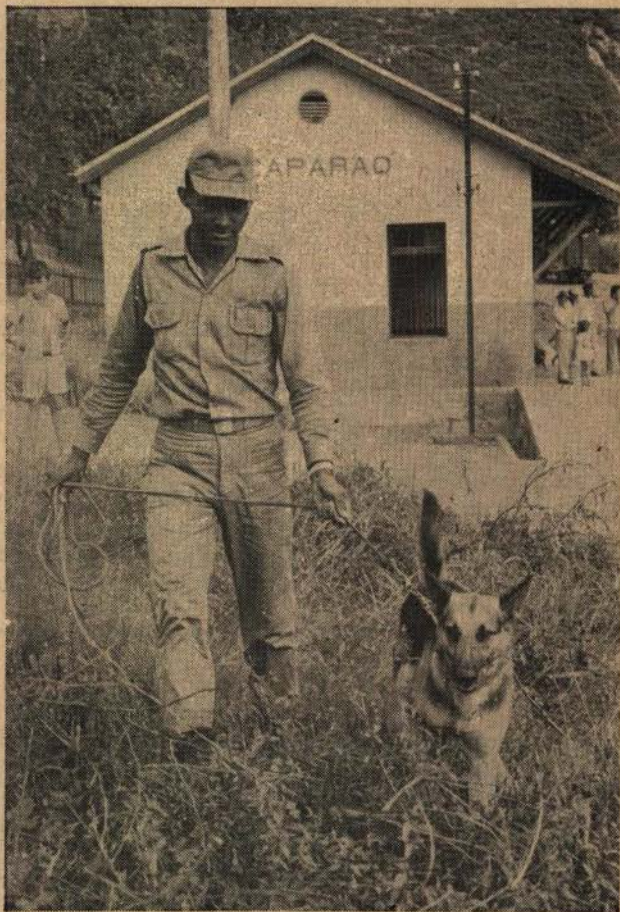
No decorrer das diligências e interrogatórios dos elementos detidos aparecem, inúmeras vezes, referências a contatos e ordens de Brizola aos componentes do grupo de Caparaó, ora dadas pessoalmente, ora através de seus lugar-tenentes: Paulo Schilling, ex-Cel Dagoberto Rodrigues, Neiva

Moreira, Paulo Mello, Moysés Kupperman e outros de menor categoria.

Brizola comunicava-se normalmente com o grupo de Caparaó através do Professor Boiteux e do advogado Amadeu de Almeida Rocha. Ambos realizaram várias viagens a Montevideú e receberam instruções diretas de Brizola (segundo confessaram), assim como, também, receberam dêle importâncias em dinheiro, em vezes sucessivas, (4.800 dólares, 600 dólares, 400 dólares 2.000 cruzeiros novos, 2.000 cruzeiros novos, etc., etc.), somas essas que foram entregues ao ex-Subtenente (Exército) Itamar Maximiniano Gomes,



Elementos da Polícia Militar de Minas Gerais preparando-se para mais uma surtida contra os "guerrilheiros" de Caparaó



Nas buscas, a Polícia Militar de Minas Gerais utilizou também cães

encarregado de abastecer em víveres o grupo de Caparaó. Numa das muitas viagens do advogado Amadeu de Almeida Rocha a Montevideu, Brizola entregou-lhe um Código que deveria ser usado nas comunicações do Comando da "Frente de Caparaó", e outros que se viessem a organizar, com a chefia no Uruguai. Esse código foi entregue por Amadeu ao Professor Boiteux.

Brizola, utilizando-se de um preposto seu, o ex-vereador de Uruguaiana Izidoro Gutierrez, adquiriu uma estância em Pando, Uruguai, onde foram submetidos a instrução de guerrilhas vários dos elementos aprisionados na região de Caparaó. Após um período de adestramento na estância de Pando, onde há capacidade para a permanência simultânea de turmas de 14 guerrilheiros, compre-

endendo este treinamento "conhecimento de explosivos, fabricação de bombas, manejo de rifle, revólver, pistola e marchas puxadas", conforme a declaração de um dos detidos e confirmada por outros, os "escolhidos" para implantar a subversão no Brasil eram mandados para Havana, via Paris e Praga. Em Paris, os enviados eram recebidos pelo comunista brasileiro Max da Costa Santos, encarregado de "legalizar-lhes os papéis" e enviá-los a Praga. Na capital da Tcheco-Eslováquia, esperava-os um funcionário cubano que os encaminhava a um alojamento nos arredores da Capital, de onde em aviões cubanos prosseguiam viagem para Havana (via Islândia e Canadá). Uma vez chegados em Cuba, eram matriculados num Curso de Guerrilhas, de duração aproximada de três meses, de cujo currículo consta "doutrinação política marxista-leninista, tática de guerrilha, conhecimento de explosivos, sabotagens, utilização de armas, conhecimento de socorros de urgência, topografia, orientação e leitura de cartas". Esse centro de instrução acha-se instalado na região de Piñal del Río. Pelo centro de preparação de guerrilhas da estância de Brizola em Pandó, Uruguai, passaram os seguintes elementos capturados na região de Caparaó: Amadeu Felipe, Jelcy, Araken, Amaranto, Hermes, Gregório e Capitani.

5. Conclusão

Procuramos mostrar, resumidamente, o que foi o episódio de Caparaó. Em síntese, um "abôrto de guerrilha", incapaz de irrom-

per-se, contido na sua própria hibridez e espuriedade, repellido pelo próprio ambiente onde tentou se implantar. De nada valeu

Freqüentaram o curso de guerrilhas em Cuba, dos acima citados, os seguintes: Amaranto, Gregório, Capitani, Hermes e Castro, além de outros cujos nomes não apareceram no "affaire" Caparaó. O retorno dos elementos adestrados em Cuba se fez pelo mesmo itinerário de ida, isto é, Havana—Praga—Paris—Montevideú. Daí os futuros guerrilheiros foram infiltrados no Brasil, um a um, viajando geralmente de ônibus, portando identidades e documentos falsos, inclusive cartelas do Ministério do Trabalho, preparadas em Montevideú e Praga.

Cumprê destacar que, segundo os depoimentos de alguns dos enviados para o adestramento em Cuba, foi o próprio Leonel Brizola quem lhes entregou as quantias em dólares destinadas às despesas de viagem de Montevideú a Praga, de onde tomariam um avião cubano para Havana.

O "esquema de subversão internacional", acima resumido, revela a abundância de dinheiro, de recursos materiais, de organização, levantados pelo comunismo, no intento criminoso de ensanguentar o Brasil, e mostra, também, o grau de comprometimento de nossos exilados no Uruguai e na França, nessa trama de traição nacional, a serviço de governos totalitários.

per-se, contido na sua própria hibridez e espuriedade, repellido pelo próprio ambiente onde tentou se implantar. De nada valeu

a magnitude de recursos empenhados na "estufa clandestina" que procurou, em vão, alimentar êsse raquítico rebento. A pretendida guerrilha de Caparaó morreu sufocada pela completa falta de receptividade que encontrou no meio em que deveria nascer. Durante os quatro meses que permaneceu na Serra, viveu êsse grupo sempre acuado e escondido e, por mais que procurasse, jamais vislumbrou nem um singular gesto de adesão, ou pelo menos de simpatia, de um só habitante da região.

Foi incapaz de iludir a população sertaneja, que logo suspeitou das intenções e propósitos antinacionais dêsse grupo e prestou às autoridades militares e policiais o mais espontâneo e decidido apoio.

Assim, feneceu a quase-guerrilha de Caparaó, pela mesmo razão que anteriormente morreu no nascedouro a sua antecessora, a aventura do ex-Coronel Jefferson Cardim em 1965 no Rio Grande do Sul, por sua incapacidade de concretizar o 1º mandamento da guerrilha — conquistar o apoio ou, pelo menos, a simpatia da população civil da região onde se instalar.

Entretanto, a incapacidade de nossos quase-guerrilheiros de Caparaó e a desqualificação de seus mentores brasileiros exilados no Uruguai e França, hoje transformados em submissos e bem remunerados serviçais de Fidel Castro, não deve arredar-nos do propósito de enfatizar, na sua verdadeira dimensão, a hediondez do crime de traição nacional tentado por êsse grupo de patricios

nossos, cuja mente e coração foram completamente corroídos pelo veneno do materialismo pagão, criminoso, violento e sem pátria.

É bom que o nosso povo saiba quem são êsses "nacionalistas" e "patriotas"; êsses "salvadores" que se cevam no dinheiro cubano; que pensam e agem segundo os interesses de Havana, Pequim ou Moscou; que iniciavam as suas reuniões nos altos picos de Caparaó, não com o pensamento voltado para o Brasil mas fazendo uma profissão de fé marxista-leninista; que encerravam suas reuniões, não cantando o Hino Nacional, mas entoando entusiasticamente a Internacional; que se inspiravam, não na mirada ao nosso altaneiro auri-verde pendão, mas numa insultuosa deformação comunista de nossa Bandeira e, afinal, cuja concepção de solidariedade humana não lhes impediu de abrigar, no âmago da mente cretinizada e do coração endurecido, o plano sinistro e desumano de fazer explodir e incendiar as pequenas localidades habitadas por gente pobre, situadas nas vertentes da Serra de Caparaó, para assim produzir o impacto inicial, capaz de manter a Nação em "suspense" desde o momento escolhido para o desencadeamento de sua criminoso ação.

A vigilância do Exército, apoiado, eficientemente, pela nossa destemida FAB, e contando com a ajuda decidida e eficaz da adestrada Polícia Militar de Minas Gerais e da valorosa Polícia Militar do Espírito Santo, destruiu, na sua origem, mais êsse atentado à tranqüillidade de nossas populações e ao progresso do País.

'BANDEIRA NACIONAL' DO GRUPO ARMADO DE CAPARAÓ

DESGRAÇADO: GORILIZADO

ESMORALIZADO
AMERICANALHADO

PROSTITUÍDO
DOMINADO
DESORDENADO
VAVIADO
SOPRADO
SILENCIADO
FEUDALIZADO
ESPOLIZADO
UBO DE SEU
AVILTADO

LIGARQUIZADO

OPRIMIDO: MILITARIZADO

Uma vez mais, o Exército Brasileiro, presente na sua sagrada missão de garantir a Segurança Nacional e assim propiciar as condições básicas para o almejado Desenvolvimento Nacional, vem provar aos maus compatriotas

que o crime de traição nacional não compensa, mesmo quando perpetrado com poderosa ajuda externa.

(Transcrito do Boletim de Relações Públicas do Exército).



A DEFESA NACIONAL

ASSINATURAS

Qualquer pessoa categorizada ou entidade civil pode tomar assinatura desta Revista, que se sentirá prestigiada com isto.

Para fazê-lo, bastará comunicar-se com a Secretaria da Revista, indicando nome e endereço (para remessa) e enviando cheque ou vale postal correspondente à assinatura desejada (anual — NCr\$ 2,50).